

Por uma historiografia do jornalismo¹

Manoel Henrique Tavares Moreira²

RESUMO

O artigo discute a importância de uma historiografia do jornalismo para o desenvolvimento do campo teórico da comunicação, no qual se insere o próprio jornalismo. Propõe que esta abordagem seja efetivamente empregada na construção e no fortalecimento do campo teórico do Jornalismo, contrariamente ao que normalmente ocorre hoje, em que as pesquisas desenvolvidas nesta área têm uma participação reduzida no avanço do campo teórico, limitando-se a listar correntes, teorias e a estabelecer uma cronologia relativa ao surgimento das teorias ou instituições. Esse modelo de pesquisa poderá, então, contribuir para que os estudos das comunicações (*communication research*) aprofundem seus conhecimentos ligados à Teoria do Jornalismo e aos meios de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; História; História do Jornalismo

1. Introdução

A imprensa chegou ao Brasil 275 anos depois que os moradores da Cidade do México, por iniciativa de um bispo católico, começaram a ter acesso a informações e notícias regularmente impressas (MELO, p. 78, 2003). Foi necessário que uma guerra empurrasse para o lado de cá do Atlântico boa parte da Corte portuguesa para que a *Terra Brasilis* tivesse seus acontecimentos periodicamente registrados e divulgados.

As causas apontadas para esse retardamento na implantação da imprensa no Brasil são, em sua maioria, de natureza sócio-política como as listadas por José Marques de Melo no sumário de seu livro *História Social da Imprensa*: “A natureza feitorial da colonização, o atraso das populações indígenas, a predominância do analfabetismo, a ausência de urbanização, a precariedade da burocracia estatal, a incipiência das atividades comerciais e industriais, o reflexo da censura e do obscurantismo”. (MELO, 2003)

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília; professor e Coordenador dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

A publicação da Gazeta do Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1808, pelo governo português resultou, fundamentalmente, da necessidade do Estado absolutista dar publicidade aos atos e determinações legais e, assim, garantir o alcance do poder real sobre seus súditos. A iniciativa de D. João, ainda príncipe regente, coincide com os esforços de um brasileiro, exilado em Londres, Hipólito José da Costa, cuja motivação para publicar o seu “Correio Brasiliense” era também a de condenar, por meio da publicação de artigos, notas e resenhas o absolutismo com que a família real portuguesa conduzia os interesses de Portugal e de suas colônias.

Ao longo dos últimos duzentos anos, o jornalismo brasileiro inseriu-se como instância fundamental na construção da identidade e do caráter nacional. Apesar desse importante papel, o conhecimento que temos da história do jornalismo no Brasil ainda é escasso e, em grande parte, esforço dos próprios jornalistas, interessados em desvendar as origens e o processo de construção de seu campo profissional.

Com isso, as pesquisas nessa área invariavelmente têm como objeto a trajetória de veículos de comunicação ou de personagens marcantes do universo midiático. Biografias e relatos de experiências pessoais são uma constante, uma espécie de “*historiografia positiva e événementielle*”, conforme descrita por F. Simiand e P. Lacombe, apoiada em fatos, heróis, grandes personagens, objetos históricos “naturalizados”. (SCHWARCZ, 200, p. 12)

Mas que contribuição a história do jornalismo poderia trazer às pesquisas em jornalismo? Qual a importância de uma historiografia do jornalismo para o desenvolvimento do campo teórico da comunicação³, no qual se insere o próprio jornalismo? E que cuidados os pesquisadores da história do jornalismo devem tomar na relação com seus problemas de pesquisa? O que a história, enquanto campo teórico tem a oferecer a esses pesquisadores? De que maneira a atenção com os principais aspectos metodológicos preconizados pela história pode ajudá-los a desvendar o passado como forma de entender o presente. (KOSELLECK, 2006)

Há uma intensa relação entre comunicação e história enquanto campos do conhecimento. A disciplina “história do jornalismo”, por exemplo, está presente nas matrizes curriculares dos cursos de graduação em jornalismo no Brasil.

³ No presente trabalho, o termo “Comunicação” indica o campo do conhecimento e da pesquisa que se estabeleceu no início do século XX e que se caracteriza por sua amplitude e complexidade. Pode ser estudado de diferentes formas e a partir das mais diversas perspectivas teóricas, o que inclui o jornalismo, sua prática e seu conhecimento teórico.

Nos programas de pós-graduação, a “história do jornalismo” constitui-se, invariavelmente, num dos eixos temáticos das linhas de pesquisa direcionadas aos gêneros e às práticas jornalísticas e à sua ação transformadora da sociedade.

No entanto, com relação à pesquisa científica, as informações disponíveis a respeito da produção acadêmica no Brasil demonstram que a historiografia do jornalismo ainda não se instaurou como tema de pesquisa marcante. Em trinta e três anos de existência, os alunos do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (PPG/FAC/UnB) produziram 298 dissertações e 16 teses. Desse total, apenas quatro trabalhos (cerca de 1% de tudo o que foi produzido) têm como objeto a história do jornalismo.

Uma busca conduzida no acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), ligada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, utilizando como elemento de busca a expressão “história do jornalismo”, retorna como resultado apenas duas teses.

Prosseguindo nesse levantamento da produção científica relacionada a esse campo encontramos mais dois trabalhos registrados no Banco de Teses da CAPES: uma tese e uma dissertação. Ambas fazem referência à história do jornalismo.

Mesmo diante desses dados, podemos inferir que há a percepção, junto a uma parcela considerável dos pesquisadores da área, da importância que a história do jornalismo tem para a consolidação dos estudos nesse campo. E isso se comprova pela existência de grupos organizados de pesquisa voltados para o tema, como o GT “História do Jornalismo” da Intercom.

Fundada em 1977, a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom - estimula o desenvolvimento da produção científica em comunicação. Reconhecida como uma das mais atuantes instâncias de pesquisa na área, mantém em atividade 29 grupos de pesquisa voltados para os mais diferentes temas ligados ao campo da comunicação. Um desses grupos tem a seguinte ementa:

O conjunto de estudos sobre história do jornalismo abarcará: a) conceitos sobre história da comunicação e do jornalismo; b) conceitos e princípios de periodização para uma história do jornalismo; c) discussões sobre periodizações comparadas entre o jornalismo português, brasileiro e colonial português; d) estudos específicos sobre determinados períodos; e) as diferentes possibilidades de histórias do jornalismo; f) discussões sobre os conceitos de imprensa e de jornalismo; g) personagens h) publicações; i) conceitos sobre imprensa e jornalismo que circulam em cada momento; j) modos de produção do jornalismo em diferentes momentos; k) diferentes

produtos de jornalismo, editoriais, conceitos sobre o produto jornal, revista, etc.; l) evolução do jornalismo, desde o manuscrito até o ciberjornalismo; m) relações entre jornalismo, editoração e publicidade/propaganda; m) presença dos gêneros jornalísticos (sob a ótica histórica), etc.⁴

Outro importante fórum de pesquisas na área do jornalismo é a Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Criada em 2003, a SBPJor “busca agregar estudiosos de uma área específica do conhecimento e tem como propósito atuar em conjunto com todas as demais associações científicas ou acadêmicas ou profissionais já existentes.”⁵

Por ocasião do 9º Encontro Nacional do SBPJor, realizado no início do mês de novembro de 2011, foram apresentados doze trabalhos relacionados à história do jornalismo, entre biografias e a trajetória de veículos regionais.

Com esses dados é possível afirmar que a história do jornalismo se apresenta hoje, no Brasil, como um legítimo espaço de pesquisa e, assim, procura contribuir para a construção de um campo epistemológico comunicacional. Contribuição que, se efetiva, poderá ser decisiva na superação da dificuldade gerada por um crescimento relevante e desordenado da pesquisa nessa área, mas que ainda é incapaz de transformar-se num corpo homogêneo de hipóteses verificáveis e de resultados congruentes, conforme assinala Mauro Wolf. (2001, p.13)

A tradição da pesquisa em comunicação tem se apoiado, ao longo de mais de um século, em diversas disciplinas ligadas às ciências sociais, como a sociologia, a psicologia e a antropologia; relacionadas às ciências naturais, como a biologia e a física; à matemática; às ciências da linguagem (linguística e semiótica) e outras áreas do conhecimento. Com isso, virou lugar comum afirmar que a comunicação constitui-se num saber interdisciplinar, ou seja, situa-se como uma “ciência encruzilhada” (MARTINO, 2006, p. 39)

Diante de tais condições, a história poderia se constituir numa opção para apoiar as representações do campo comunicacional, aí incluída a historiografia do jornalismo. Mas, tradicionalmente, o que se vê é a utilização da pesquisa histórica em comunicação para construir um “guia para a exposição de ideias” conforme observa Martino. Segundo esse autor, o uso da pesquisa histórica na definição do objeto é possível, na medida em que a

⁴ http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=336:dt1-historia-do-jornalismo&catid=100&Itemid=75, acessado em 09/11/2011

⁵ http://www.sbpjor.org.br/sbpjor/?page_id=336, acessado em 09/11/2011

abordagem histórica acaba por destacar a singularidade do processo comunicacional. (MARTINO, 2006, p. 46)

O que se percebe, portanto, é a necessidade de promover uma maior aproximação teórica e metodológica das pesquisas em história do jornalismo com a própria história, principalmente no que se refere às questões ligadas ao tempo histórico e a maneira pela qual este é percebido pelo historiador.

Adquirir competência e consistência teórica nesses aspectos é fundamental para que o pesquisador da história do jornalismo avance sem receio de que seu raciocínio se misture com a análise de um documento e sem confundir fatos documentados com suas conclusões pessoais, pois “os fatos históricos contidos nos documentos não bastam nunca para responder inteiramente às nossas indagações.” (LANGLOIS; SEIGNOBO, p.177, 1965)

Sendo assim, nos parece fundamental que a construção de um problema de pesquisa em história do jornalismo leve em consideração que não se irá lidar apenas com uma questão “particular limitada ao passado e sua lembrança”, mas também com algo que “conserva sua atualidade política e a capacidade de provocação social de seus contemporâneos” (KOSELLECK, 1975, p.110).

2. História e Comunicação

“A história é a ciência do passado”. Independente da verdade nele contida, esse aforismo não expressa, com justiça, a importância da história para a “construção das identidades coletivas e das sociedades humanas (...). De disciplina erudita, nascida nas sombras dos claustros medievais, a história atualmente abre-se aos horizontes mais vastos da interdisciplinaridade”. (CAIRE-JABINET, p.8 e 9, 2003)

Pois bem: isso não é suficiente para garantir o consenso entre aqueles que têm a história como objeto de interesse e de pesquisa. A exemplo do que ocorre com a comunicação, existem muitas dúvidas quanto à delimitação de um campo teórico próprio da história, ao qual seja possível atribuir-se a função de constituir um corpo coerente de princípios, categorias e conceitos que dê sustentação ao trabalho do pesquisador.

As dificuldades se iniciam pelo fato de que a palavra “história” designa, tradicionalmente, duas coisas bastante distintas: a realidade objetiva na qual o homem está inserido num determinado momento e o conhecimento e o registro dessas condições.

O positivismo buscou a definição da história na descoberta, é claro, de um suposto fato histórico. O problema terminológico vem, assim, de muito tempo: a palavra história designa, para dizê-lo de alguma forma, um conjunto ordenado de “fatos históricos”, mas designa também o processo das

operações “científicas” que revelam e estudam tais fatos. Que a mesma palavra designe “objeto” e “ciência” pode parecer uma questão menor, mas na realidade acaba por ser embaraçosa e abre espaço a dificuldades reais de ordem epistemológica. (ARÓSTEGUI, p.29, 2006)

Os questionamentos apontados em relação ao caráter científico e metodológico da história vêm de longo tempo. Ainda no início do século XX, mais precisamente em 1911, Henri Berr chamava a atenção para o fato de que havia problemas não resolvidos em relação à história que a diferenciavam de outras ciências sociais.

Ele alertava para o fato de que enquanto as ciências naturais criaram métodos (precisos e eficazes) e que servem para caracterizar suas pesquisas de maneira positiva, a história encontrava-se em “estado precário, seu empirismo, sua incoerência, vem chamando reiteradamente a atenção dos pensadores (...) que buscam remédio para tal situação.” (BERR apud NOVAIS; DA SILVA, p. 10, 2011)

Do ponto de vista epistemológico, a comunicação (aí incluído o estudo do jornalismo e suas teorias) também apresenta uma série de problemas. Enquanto fenômeno a comunicação é vista, ao mesmo tempo, como uma prática social, um campo profissional e como uma atividade econômica.

Os primeiros estudos ligados a essa área buscavam entender os efeitos provocados pelos veículos de comunicação de massa, cuja origem encontra-se no processo avançado de industrialização, da revolução dos transportes e do comércio, da difusão dos valores de igualdade e liberdade. (WOLF, 2001, p. 125)

Já o campo teórico do jornalismo procura desvendar como essa prática social, realizada em condições de produção específicas, capta, transforma, produz e faz circular acontecimentos, interpretando e nomeando situações e sentimentos do presente.

Embora tenha experimentado um crescimento considerável nos últimos vinte anos, o conhecimento sobre os fenômenos comunicacionais (inclusive aqueles diretamente ligados ao jornalismo) ainda é considerado insuficiente para forjar um campo teórico sólido e plenamente reconhecido e aponta para uma “indefinição da comunicação como um saber, daquilo que constitui sua perspectiva de análise e explicação dos fenômenos sociais.” (MARTINO, 2006, p. 52)

3. A história como possibilidade metodológica

Para atribuir a uma teoria (uma “inspiração” na visão de Popper) o estatuto de conhecimento científico, justificado e validado, o enunciado que o representa deve permitir

uma análise lógica, passível de reproduzir as condições em que foi produzido, distinguindo-o do senso comum.

O método científico é a maneira mais segura de buscar uma aproximação com o objeto de estudo, seja por meio da identificação de regularidades no fenômeno observado, seja pela tentativa de isolar os elementos que caracterizam e distinguem tal fenômeno.

Apesar do papel fundamental que o método desempenha no processo da construção do conhecimento científico, é possível afirmar que não há consenso sobre a metodologia (o estudo do método) a ser empregada no desenvolvimento e na dedução de uma teoria, “particularmente nas ciências sociais e humanidades.” (SANTAELLA, 2001, p. 131)

Por conta de seu caráter interdisciplinar, a comunicação, enquanto objeto de pesquisa e de formulação teórica, prescinde de metodologias específicas, estritas e que tenham prescrições técnicas claras. A metodologia a ser aplicada a uma pesquisa no campo comunicacional é, antes de tudo, uma escolha arbitrária do pesquisador, fruto de sua relação com o problema e de sua experiência na área.

Encontramos na história os traços recorrentes de um dado fenômeno, o que a legitima como uma forma de conhecimento capaz de ordenar e dar sentido aos eventos, relacionando-os criticamente a partir de suas circunstâncias sócio-culturais, permitindo constituir um enlace entre o indivíduo e o contexto social.

Mas é preciso levar em consideração que a cientificidade da prática histórica está diretamente relacionada ao método utilizado, de forma a “que participe das características da ciência e se adapte, mediante um trabalho teórico rico e suficiente, às peculiaridades de seu objeto. (ARÓSTEGUI, 2006, p. 77)

De maneira similar ao que ocorre nas demais disciplinas ligadas às ciências sociais, o uso de métodos de pesquisa em história permite ao pesquisador partir de opções teóricas as mais diversas, o que determina uma multiplicidade de construção de modelos e de concepções distintas do conhecimento histórico. (FONTES, 1997, p. 359)

Um bom exemplo de método de análise que concebe o real como um processo histórico é o chamado método dialético, desenvolvido por Marx a partir de uma interpretação materialista da história, que atribui valor à gênese da sociedade, sua formação e sua atuação em função dessa origem histórica.

De acordo com a visão de Marx, expressa no seu famoso livro “A Ideologia Alemã”, escrito em co-autoria com Friedrich Engels, a gênese histórica está na capacidade do homem de atender às necessidades básicas, ou seja, prover as condições materiais

necessárias à vida. Uma vez satisfeitas as necessidades primárias, ao produzir novas necessidades o homem estabelece o primeiro ato histórico.

Essa construção histórica do homem a partir de sua produção material, de sua dependência mútua, resultante de suas necessidades e de suas condições de produção, permite uma visão verdadeira da trajetória humana, livre dos dogmas religiosos e do que eles, Marx e Engels, chamam de “absurdos políticos”.

O campo da pesquisa histórica se utiliza, ainda, em sua elaboração de outros elementos cognitivos que contribuem para o desenvolvimento de modelos baseados em pressupostos teóricos de diversos outros campos das ciências sociais, como o conceito de tipo ideal, de Max Weber, o funcionalismo e o estruturalismo.

Com isso, fica claro que o método histórico tem características que coincidem, na essência, com os métodos utilizados por outras ciências, mas é preciso levar em conta que existe uma característica única que deve ser considerada pelo historiador: não há observação direta da realidade, pois essa está confinada em um dado momento, no passado, e se apresenta ao pesquisador por meio de indícios, pistas, objetos, relatos escritos ou orais, vestígios.

E há, ainda, outro elemento que torna ainda mais complexa a observação: nenhum desses elementos indiciários são “realidades espontâneas”. Na verdade, eles estão impregnados de motivações. Não há informação neutra, despojada de interesses e isso complica ainda mais o trabalho do pesquisador.

Essa realidade metodológica nos permite, portanto, questionar se os pesquisadores da história do jornalismo estariam atentos a todas essas possíveis interferências: a importância do documento na pesquisa histórica; o cuidado com os conceitos e sua significação num determinado contexto geográfico e temporal; os limites do conhecimento histórico.

Portanto, lançar mão da história como método na construção de uma pesquisa em comunicação nos parece ser plenamente aceitável, tanto do ponto de vista da eficiência metodológica, quanto do ponto de vista da validação de seus resultados, desde que o autor da pesquisa esteja consciente de que está lidando com atos humanos singulares, inseridos num dado contexto e marcados por uma temporalidade específica.

4. Conclusão

A importância conquistada pela comunicação mediática na chamada sociedade complexa ou tecnológica influenciou o percurso da pesquisa científica no campo

comunicacional. Apesar de ainda persistirem dificuldades, resistências e incompreensões, houve avanços significativos na tentativa de definir um objeto de estudo e, assim, finalmente atribuir à comunicação a condição de disciplina.

A construção de um campo epistemológico que permita aos pesquisadores avançar em terreno mais sólido passa, necessariamente, por diferentes abordagens que se utilizam de outras formas de conhecimento para compreender os fenômenos ligados à comunicação humana, especialmente aqueles que se processam intermediados pela tecnologia, como é o caso do jornalismo.

Com isso, áreas tradicionais do saber, notadamente aquelas ligadas às ciências sociais, poderão contribuir enormemente, enquanto referencial metodológico, para que a pesquisa em comunicação avance “levando-se em conta as diferenças de abordagem em relação ao fenômeno da comunicação.” (MARTINO, 2001, p. 25)

Dentre as disciplinas das ciências sociais, constatamos que a história tem participação discreta na teorização dos fenômenos ligados à comunicação humana, limitando-se a listar correntes, teorias, estabelecendo uma cronologia relativa ao surgimento das teorias ou instituições.

O caráter interdisciplinar da comunicação, enquanto objeto de pesquisa e de formulação teórica, prescinde de metodologias específicas, estritas e que tenham prescrições técnicas claras. Sendo assim, percebemos que o método histórico tem características que coincidem, na essência, com os métodos utilizados por outras ciências, o que nos permite constatar ser plenamente possível a utilização da pesquisa historiográfica como metodologia apta a contribuir para que a *communication research* aprofunde seus conhecimentos a respeito dos meios de comunicação.

Para isso, é necessário que os pesquisadores da história do jornalismo percebam a importância de observarem, cuidadosamente, os métodos e as práticas de pesquisa preconizadas pela historiografia, como as questões relacionadas ao tempo histórico, à história dos conceitos, ao uso dos documentos, elementos fundamentais da boa prática historiográfica.

REFERÊNCIAS:

- ARÓSTEGUI, Julio. A pesquisa histórica: teoria e método. São Paulo, EDUSC, 2006.
- CAIRE-JABINET, Marie-Paule. Introdução à Historiografia. Bauru, EDUSC, 2003
- CAMARGO, A. Os Usos da História Oral e da História de Vida: trabalhado com elites políticas. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 5-28
- FONTES, Virgínia. História e Modelos, in Domínios da História. Org. Cardoso, C. F. e Vainfas, R. Rio de Janeiro. Elsevier, 1997
- KOSELLECK, Reinhart. História/História. Madri, Minima Trotta, 1975
- _____. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro, Contraponto, 2006
- LANGLOIS, C.V.; SEIGNOBOS, C. Introduccion a los Estudios Historicos.
- MARQUES DE MELO, José. História Social da Imprensa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003
- MARTINO, Luiz C. "As Epistemologias Contemporâneas e o Lugar da Comunicação", in Maria Immacolata Vassalo Lopes (org) Epistemologia da Comunicação. Loyola, São Paulo, 2003, p. 69-101
- _____. "Abordagens e Representação do Campo Comunicacional", Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, vol. 3, N. 8, p. 33-54, Nov 2006
- _____. De Qual Comunicação Estamos Falando? In A. Hohlfeldt; L. Martino; V. França (orgs) – Teorias da Comunicação. Vozes. Petrópolis, 2001
- NOVAIS, Fernando A.; DA SILVA, Rogério F. (org). Nova história em perspectiva. Vol. 1. São Paulo. Cosac Naify, 2011
- SANTAELLA, Lucia. Comunicação & Pesquisa. Hacker, São Paulo, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz, "Por uma historiografia da reflexão", in BLOCH, Marc L. B. Apologia da História, ou, o ofício de historiador. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 2002
- WOLF, Mauro. Teorias da Comunicação. Presença, 6ª Ed. , Lisboa, 2001.